

---

---

# terra roxa

## e outras terras

---

---

Revista de Estudos Literários

### EXISTE O MUNDO QUE O PORTUGUÊS CRIOU?

Sérgio Paulo Adolfo  
(Universidade Estadual de Londrina  
e UNIPAR)

As armas e os barões assinalados  
Que, da ocidental praia lusitana,  
Por mares nunca de antes navegados,  
Passaram ainda além da Taprobana,  
Em perigos e guerras esforçados,  
Mais do que prometia a força humana,  
E entre gente remota edificaram  
Novo reino, que tanto sublimaram;

*Os Lusíadas*, canto I.1

*Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre é uma obra de constante e variada leitura, tanto no Brasil quanto nos demais países da lusofonia, sendo que uma das razões apontadas para essa popularidade é que o autor ao analisar a situação produzida pelos colonizadores na América cria algumas polêmicas no tocante às relações da colonização portuguesa, e, além disso, erige epistemologicamente o conceito de lusotropicalidade, conceito esse, que por si só, se lido nas franjas do texto, pode levar o leitor a uma série de enganos e distorções no tocante a compreensão do processo colonizado/ colonizador.

Considerando-se a literatura de ficção parte integrante da cultura dos povos, e um dos canais possíveis para se lhes compreender a mentalidade, o imaginário e as relações sociais, fomos buscar em dois autores do “**mundo que o português criou**” subsídios para perceber a abrangência dos conceitos freyrianos no mundo lusófono: *Luanda Beira Babia* (1982) de Adonias Filho e *Nação Crioula* (1998) de José Eduardo Agualusa têm como temática a relação Portugal-África-Brasil, sendo que cada autor explicita esse mundo sob uma ótica diferente.

Nessa comunicação, pretendemos apresentar essas obras lidas sob a perspectiva freyriana, analisando, a partir delas, o caráter real do conceito de lusotropicalidade e suas conseqüências para o mundo colonizado, usando

como parâmetro, as diferenças sociais, o processo de colonização e de independência, em Brasil e Angola, sem nos descuidarmos da questão literária, enquanto processo histórico e estético, nos dois países.

Iniciando nossa reflexão, pensemos inicialmente em duas literaturas, a angolana e a brasileira, considerando-se que as duas participam de um histórico de formação bastante semelhante, pois para além de serem lusófonas, possuem ambas correlações lingüísticas importantes, dado o grande número de africanos que foram introduzidos no Brasil, na condição de mão-de-obra forçada, acrescido do fato de que, o comércio estabelecido entre Angola e o Brasil no período colonial deixaram marcas muito acentuadas nos dois lados do atlântico.

Ao procurarmos nessas duas literaturas motivos literários recorrentes, estamos na verdade buscando conhecer a nossa própria identidade enquanto povo, pois as literaturas produzidas em língua portuguesa, que é a língua de todos nós, respondem nossos anseios comuns e nossas aspirações nacionais e lusófonas. E, conseqüentemente, ao conhecermos o mundo lusófono estamos ao mesmo tempo reconhecendo a nossa nacionalidade e valorizando, sob uma nova ótica, a nossa própria maneira de ser e pensar enquanto povo. Essa operação, no entanto, não é assim tão simples. Palmilhar os caminhos da lusofonidade exige que antes palmilhemos os caminhos ou descaminhemos da brasilidade e da africanidade. Pensamos que só compreenderemos o que é ser verdadeiramente lusófono se compreendermos o que é ser brasileiro, pois o conceito de lusofonidade deve passar antes pelo de brasilidade.

As literaturas angolana e brasileira nascem sob o mesmo influxo histórico: a dominação colonial portuguesa. Este determinante histórico tem relevância suficiente para emprendermos estudos comparativos entre as duas. No entanto, além disso, temos um forte intercâmbio humano, comercial, e como decorrência lógica, cultural entre os dois povos. Povos, que hoje compõe o país de Angola, sobretudo os Kimbundo e os Kikongo, foram trazidos para o Brasil durante os séculos XVI, XVII, XVIII e XIX, num fluxo contínuo, imprimindo à cultura brasileira aspectos muito peculiares, africanizando o nosso modo de falar, akimbundado o português, e transformando a cultura lusitana, tornando-a mestiça, muito próxima da africana. Manifestações culturais importantes no Brasil, como o samba, música nacional, é de origem angolana, assim como a Umbanda, religião altamente disseminada entre nosso povo é uma amálgama das várias religiões oriundas dos povos bantos, sincretizadas no Brasil com as religiões ameríndias e com o catolicismo português.

Como as duas literaturas nascem sob o influxo da ordem colonial portuguesa, é natural que ambas apresentem semelhanças temáticas, e a conseqüência disso, é que angolanos e brasileiros fazem dos seus textos

literários suportes para discutir questões comuns: formação da nacionalidade, processo histórico, lusitanismo e lusofonia, língua portuguesa e línguas regionais, processo de libertação, aliados ao tema metaliterário, o questionamento de ser escritor e do próprio fazer literário em países de terceiro mundo.

No entanto, há uma terceira literatura, a portuguesa, mais antiga e matriz das outras duas, pois como dissemos linhas atrás, as literaturas angolana e brasileira nascem sob o influxo da ordem colonial, cuja representante nas letras era a literatura portuguesa. Não por acaso, o Prof. Antonio Candido ao historiar o nascimento da literatura brasileira cria com muita felicidade a metáfora do arbusto e de seus galhos, sendo o arbusto de segunda ordem a literatura portuguesa, e um dos galhos, a literatura brasileira. As literaturas brasileira e angolana nascem no século XIX em condições históricas diferentes, mas tendo como modelo e matriz geradora a portuguesa, que sendo outrora matriz, agora, neste momento histórico, dialoga com as duas, diálogo esse, que se estabelece na modernidade do século XX, é naturalmente diálogo e não sujeição.

Se no nascedouro, as literaturas angolana e brasileira eram tributárias da portuguesa, na modernidade dos anos 30, assistiremos a um formidável movimento de aproximação à literatura brasileira, tanto por parte dos portugueses quanto dos angolanos em direção ao que se fazia no Brasil no campo das letras. A literatura dos anos 30 aporta na África lusófona de forma quase que definitiva. Testemunho dos escritores e intelectuais dão conta que nossos autores foram lidos com afeição pelos jovens iniciantes nas letras e na política dos países africanos. Gilberto Freyre também aporta por lá, com seu *Casa Grande e Senzala* despertando o mesmo entusiasmo e interesse que Graciliano Ramos, Jorge Amado, José Lins do Rego, Raquel de Queirós, Marques Rebelo, Manuel Bandeira e outros.

Na antiga metrópole, os jovens escritores também se interessaram muito pela nossa literatura de 30, principalmente pela temática que serviu como alento para o neo-realismo português. A troca de idéias e interesses no campo da literatura e da cultura torna-se intermitente e frutífero dos dois lados do atlântico, sem desprezarmos os moçambicanos do outro lado, no Índico. A língua comum possibilitou que os africanos, ainda colonos de Portugal, se irmanassem, através da linguagem literária, aos brasileiros, também colonizados pela mesma metrópole. A literatura, naquele momento histórico, foi importante veículo de comunicação e de conscientização da condição de mestiçagem e de subalternidade à metrópole colonial.

Gilberto Freyre, um desses autores muito lidos naquele momento, senhor de muitas e boas idéias, discute a herança colonial sob a ótica da cultura, e não da raça, tecla em que bateram nossos intelectuais do século

XIX, de Nina Rodrigues a Sílvio Romero, para só falarmos dos mais importantes no campo da cultura. Gilberto Freyre, da varanda dos fundos do sobrado da casa grande tem os olhos postos na senzala e seus olhos são, sobretudo amorosos e lúdicos, mas, em que pese isso, analisa os componentes da formação da cultura brasileira sob o ponto de vista das condições sociais em que os atores foram colocados e não mais sob a perspectiva racial. Embasado nessa visão culturalista procurou compreender a cultura brasileira a partir da junção do índio, do português e do africano nas condições socioculturais determinantes.

Se na modernidade da literatura brasileira, há entre outros, autores como Jorge Amado, José Lins do Rego, Manuel Bandeira e Jorge de Lima que dão voz ao negro brasileiro no espaço dos seus romances e poemas, às vezes equivocadamente, Freyre vai além, pois analisa a presença do africano e de seus descendentes entre nós na mesma ordem de importância do índio e do português colonizador. Assim como há equívocos dos literatos, há equívocos também de Freyre. No entanto, com Freyre pela primeira vez na cultura brasileira, o africano e seus descendentes têm direito a um espaço e uma voz, na sociologia e na literatura, e são estudados não sob o conceito de raça na visão evolucionista, mas na condição de seres providos de cultura condicionados pela escravatura. Freyre elabora uma visão de simbiose cultural, processada em condições históricas desvantajosas para africanos e índios, comandadas pelo colonizador português, mas que ocupa um lugar proeminente os dois grupos dominados, tão proeminente que chega, no Brasil a disputar lugar de destaque com a cultura do dominador, considerado por eles, e por Freyre como uma cultura em condições superiores de desenvolvimento.

Não podemos, no entanto, negar que a cultura lusitana foi imposta no Brasil e na África a ferro e fogo, que o genocídio humano e cultural é uma realidade, mas ao mesmo tempo, africanos e brasileiros impuseram-se na cultura do dominador marcando-a, senão a ferro e fogo, armas de que não dispunham na condição de colonizados, mas segundo Freyre através do dengue e da doçura das mulheres. Portugal é mesmo europeu, indaga José Saramago no seu metafórico *Jangada de Pedra*. Agualusa, o jovem escritor angolano, lança lenha na fogueira com o *Nação crioula*, ressuscitando Fradique Mendes, o herói queirosiano, levando-o para a África, fazendo-o apaixonar-se por uma filha da terra, vindo viver no Brasil com ela, e só aqui se sentir completo, feliz e realizado. Por sua vez, Adonias Filho leva seu herói, nascido na Bahia, terra de todos os santos e deuses, a fazer o percurso completo da África lusófona, de Beira em Moçambique à Luanda e à Bahia. A jangada de pedra de Saramago encrava-se entre a África e o Brasil, o herói de Agualusa vem da África para o Brasil e o de Adonias percorre as terras africanas e brasileiras com total

desenvoltura, como se estivesse em sua própria terra. Esse à vontade de colonizados e colonizadores em terras comuns é a lusofonia do qual todos fazemos parte?

Pepetela, em seu romance *Mayombe*, discute a questão da língua portuguesa, que segundo ele é a língua de todos nós. Incontestavelmente somos sete países, sem contar a Galícia<sup>1</sup> e sem pensar no aspirante Timor Loresae, que falamos a língua de Camões. Há uma literatura que dá conta de nossos ideais e agruras, escrita nessa língua de todos nós. Verdade é que há sons nesse conjunto que não são exatamente os lusitanos. A lusofonia concorre com outras fonias, outros sons e outras culturas. O português do Brasil, aquimbundado, aquicongado, não só no léxico, mas na própria estrutura, aliás, o próprio Gilberto Freyre percebeu muito bem isso, o que não dizer dos vários crioulos africanos, do português de preto de Luandino Vieira e Boaventura Cardoso, das fantásticas incursões lingüísticas de um Mía Couto, ou do barroquismo mineiro de Guimarães Rosa? Os ramos do arbusto de Candido estão se tornando muito trabalhosos e muito numerosos. O arbusto cresceu, ganhou novos galhos e novas folhagens de cores e contornos muito diferenciados. Os portugueses, ao dilatarem o império e a fé, edificaram entre gente remota não um reino que tanto sublimaram, pelo contrário, promoveram meio a contra gosto, um intercâmbio de povos e culturas dos quais hoje fazemos parte.

É preciso, no entanto, atentar para alguns detalhes que nós como colonizados às vezes não prestamos a devida atenção. O colonialismo é cheio de sutilezas e possui manhas e teias quase invisíveis. A teoria do hibridismo e da mestiçagem cultural é uma dessas teias que nos passam quase despercebida. Gilberto Freyre foi autor do lusotropicalismo, teoria que propugnava por uma perfeita adaptação do homem lusitano ao mundo tropical. Nenhum povo, nenhum conquistador, segundo ele, se adaptou e criou uma civilização tão promissora e tão igualitária quanto os portugueses. Os fatos históricos e sociológicos, vistos não a partir da casa-grande e sim da senzala, olhos postos no povo e não gulosamente na mulata, apontam para outra direção: a famosa civilização lusitana, a que deu certo nos trópicos, tem lá seus inúmeros problemas, sobretudo o racismo, acompanhado de suas mazelas, a fome, o analfabetismo, entre outras coisas. Sem contar com a violência colonial no Brasil, o genocídio ameríndio, o tráfico de escravos, e um interminável colonialismo em África, cujas conseqüências estão diariamente estampadas na mídia.

Literariamente falando, entendemos a literatura como um produto social, e procuramos ler o texto, tentando encontrar nele, nos seus silêncios, as

---

<sup>1</sup> Não estamos nos referindo a Galícia como parte **do mundo que o português criou** e sim, como um dos povos falantes da língua de Camões.

possíveis possibilidades da dinâmica social. Um texto ficcional que, segundo Antonio Candido, além do aspecto lúdico, também informa e humaniza é possível ser lido de muitas maneiras, entendendo-se essas muitas maneiras, essa polissignificância, não no sentido da horizontalidade e sim nas suas potencialidades verticais. É no aprofundamento da leitura, no desfazer do bordado, segundo Autran Dourado, que vamos encontrar o significado textual mais profundo e através dele perceber e nos apoderarmos de toda sua carga humanística, e, portanto, renovadora e recriadora.

Não pensamos, contudo, que a literatura seja o reflexo da sociedade na qual ela foi gerada, pois sua relação com o social reveste-se de tal complexidade que só o leitor mais experiente se torna capaz de resgatar, pois ao penetrar nas profundezas abismais do texto ele estará trazendo a tona os componentes sociais, psicológicos e biográficos, os externos, no dizer de Cândido, que se fizeram internos na propulsão da força criadora do artista da palavra.

Essas teias estão também presentes na literatura. *Nação Crioula* é um livro belíssimo, bem escrito, de saborosa leitura. Um romance que se estrutura a partir de outro, *A correspondência de Fradique Mendes* de Eça de Queirós, que estabelece um profícuo diálogo com a literatura portuguesa, um diálogo inovador e esteticamente vanguardista. No entanto, o romance tem lá seus alçapões. A visão do herói sobre a mulher negra africana é a visão do português colonialista, é a visão freyriana sobre os ardores sexuais da mulher negra. Aliás, o negro homem ou mulher é sempre considerado animal de cama, garanhão voraz ou fêmea faminta visão que domina a mente dos países mestiçados, híbridos da América latina. O tema da mulher negra como objeto de cama e mesa está presente em várias obras da literatura angolana, desde a *Ngá Muturi* de Alfredo Troni, está em Pepetela em *Yaka* e também em Castro Soromenho em vários de seus romances. Ao comparar a mulher negra com a branca, Fradique Mendes está exatamente fazendo o jogo do sistema racial, inferiorizando a raça negra, transformando-a num animal do corpo, desvalorizando seus atributos mentais e suas possibilidades intelectuais.

Um outro alçapão no romance é a vinda do herói e da heroína para o Brasil, terra que os acolhe, espaço de tranquilidade e prazer, mas mostrado para a mulher amada, a negra africana, pelo amante branco e português, que acaba retornando para a santa terrinha, destino, aliás, de todos os lusitanos com amantes negras, na África ou na América. Como diz o ditado brasileiro, “branca é prá casar, negra prá trabalhar e mulata prá fornicar.” Ao ser o salvador da heroína, ao livra-la da escravidão e das condições degradantes a que foi exposta, Fradique Mendes está assumindo o papel simbólico de salvador da mulher, que primeiro conquista, ama, cuida e depois desaparece,

voltando para a sua terra natal. Qualquer semelhança com o processo colonial não deve ser encarada como mera coincidência.

Passemos rapidamente por *Luanda Beira Bahia*, do baiano Adonias Filho. Dos dois romances em pauta é o menos interessante sob o ponto de vista literário por se tratar do romance mais fraco na sua tessitura romanesca. O autor tem obras mais bem acabadas, mas esse é um romance que se propõe a fazer o percurso da lusofonidade e por isso é objeto de nosso estudo. Há um herói nascido no Brasil, numa praia da Bahia, filho de mãe baiana, mestiça de índio, negro e branco, de pai baiano, marinheiro, habitante do mar, como todos os marinheiros. O pai ele só conhece por fotografia, que se constitui num quadro na parede da sala da casa onde vive com a mãe. Perde a mãe muito cedo e torna-se um marinheiro, primeiro de navio pequeno, indo até a cidade de Salvador, e mais tarde engaja-se num navio de grande calado que faz viagens às cidades africanas. Moçambique e Angola ainda são colônias de Portugal e em Moçambique, na cidade de Beira ele enamora-se de uma mestiça, assim como se apaixona por uma outra em Luanda, filha de um branco com uma mulher da terra. A jovem luandense também não conhece o pai, marinheiro louro que desapareceu antes dela ter nascido. Os dois resolvem viver no Brasil, na casinha onde o jovem passou a infância em companhia da mãe e da foto do pai ausente. Ao retornarem ao Brasil e à casa da praia, encontram o pai retornado, que é na verdade pai dos dois, e num acesso de loucura mata os dois filhos incestuosos e mata-se depois. Detalhe: a jovem esposa está grávida de seu irmão. Outro detalhe: são todos mestiços.

Se Agualusa traz seus heróis da África para o Brasil, Adonias Filho vai do Brasil para a África, cumprindo um itinerário lusófono. Na trágica história de Adonias, unindo três países no mundo que o português criou, a tônica centra-se na mestiçagem. Todos os heróis são mestiços como híbrida é a língua de comunicação entre eles. Ao fazer o percurso Brasil-África, sem passar por Portugal, Adonias estaria sinalizando em direção a uma lusofonia africanizada ou brasilizada? Ou estaria com essa metáfora colocando o Brasil como um líder no mundo que o português criou? Traços ameríndios, africanos e lusitanos estão presentes nas personagens de Adonias, mas nenhum deles predomina. A visão freyriana do luso-tropicalismo está presente no romance, na constatação de um mundo híbrido, onde não se reconhece mais nenhuma das matrizes e sim o resultado da miscigenação. Tal como outro baiano famoso, Jorge Amado, que defende em suas obras a mestiçagem como a solução para as questões raciais no Brasil, com isso tirando a força dos movimentos de reivindicação negros, aliás, nessa linha de reflexão não existem mais negros no Brasil, só mestiços, o que invisibilizaria uma luta racial, o pensamento freyriano entra com toda a força nessas produções estéticas. A trágica história de Adonias pode ser lida como uma aventura crioula por

mares nunca de antes navegados por um brasileiro. Ao deslocar do foco principal os portugueses dessa lusofonia crioula, Adonias sinaliza para uma nova maneira de ver o mundo que o português criou, aliás, já apontada por Gilberto Freyre na sua teoria da miscigenação que deu certo. Outro alçapão, outra teia colonialista, que não se percebe de imediato? A mestiçagem, o hibridismo esconde as contradições do sistema colonial e suas mazelas, assim como o híbrido, o mulato, o mameluco, é sempre mais branco do que negro, mais branco do que índio. A aproximação se dá com a raça superior, e estou pensando novamente em Freyre, nunca com as inferiores? Ser mulato é ser mais negro ou mais branco, assim como a herança cultural do mameluco está mais para o índio ou para o português? Evidente que os teóricos da mestiçagem estão sempre pensando em termos de raça superior e inferior, sempre em termos de vencidos e vencedores, e obviamente a raça superior sempre leva a melhor.

A lusofonia é uma realidade para além dos nossos vãos desejos. A agravante é que o som lusófono se vê obrigado a conviver com outros sons que outrora silenciados estão agora muito barulhentos. As várias línguas preexistentes à última flor do lácio e as formadas no afã do atrito colonial estão aí firmes realizando-se na boca dos seus povos e na página de seus livros. Querer a lusofonia como uma voz única é não acreditar que o Império se desfez, e que Portugal para cumprir-se deverá, segundo Saramago, ocupar o seu verdadeiro lugar no Atlântico sul, entre a África e a América.

#### BIBLIOGRAFIA:

- ADONIAS FILHO. *Luanda, Beira Babia*. São Paulo: Brasiliense, 1974.  
AGUALUSA, J. E. *Nação Crioula*. São Paulo: Duas cidades, 1998.  
CAMÕES, L. de. *Os Lusíadas*. São Paulo: Klick, 2.000  
CANDIDO, A. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Nacional, 1972.  
FREYRE, G. *Casa Grande e Senzala*. São Paulo: Nacional, 1963.